



## A NATUROLOGIA E A INTERFACE COM AS RACIONALIDADES MÉDICAS

Daniel Maurício de Oliveira Rodrigues<sup>1</sup>

Fernando Hellmann<sup>2</sup>

Nathália Martins Pereira Sanches<sup>3</sup>

### RESUMO

O uso das Práticas Integrativas e Complementares (PICs) é crescente no Brasil. O naturólogo é um novo profissional da saúde que trabalha com as PICs no âmbito da saúde. O presente artigo tem como objetivo discutir as características da Biomedicina, das Práticas Integrativas e Complementares e a interface com a Naturologia. Trata-se de um estudo bibliográfico de natureza qualitativa. Sobre o assunto, pesquisou-se em artigos e autores de referência, nas bases de dados da Scielo e do Google Acadêmico. Considera-se que a Naturologia é um novo campo na área da saúde baseada nas cosmologias das racionalidades biomédica e das medicinas tradicionais. Na terapêutica, aborda o indivíduo multidimensionalmente no processo saúde-doença e utiliza sistemas de avaliação e tratamento das medicinas tradicionais.

**Palavras-chave:** Naturologia. Racionalidades médicas. Biomedicina. Medicinas Tradicionais.

---

1 Bacharel em Naturologia aplicada pela Unisul. Especialista em Medicina Tradicional Chinesa. Pós-graduando em estética facial e corporal pela Univali. Mestrando em Epidemiologia – Saúde Coletiva pela UFSC. Docente do curso de Naturologia aplicada e Enfermagem da Unisul

2 Bacharel em Naturologia aplicada pela Unisul. Especialista em Fitoterapia pela UNIBEM. Mestre e Doutorando em Bioética – Saúde Coletiva pela UFSC. Docente do curso de Naturologia aplicada e Nutrição da Unisul.

3 Bacharel em Naturologia aplicada pela Unisul. Graduanda em Medicina pela Universidade Federal de Santa Catarina.

## **1 INTRODUÇÃO**

Esse artigo de revisão bibliográfica tem como objetivo discutir as características da Biomedicina, das Práticas Integrativas e Complementares e a interface com a Naturologia.

A Naturologia é uma nova profissão da área da saúde, a qual utiliza métodos naturais, tradicionais e modernos de cuidado à saúde, embasada em uma visão ampliada de saúde que preza pela qualidade de vida e a relação entre o ser humano e o ambiente em que vive. Tendo em vista que o curso de Naturologia ser uma graduação recente no país, ainda existe muita confusão, por parte da população em geral, acerca dos diferentes tipos de tratamentos não convencionais existentes, ofertados não apenas por Naturólogos, mas também por outros profissionais.

Primeiramente será explanado acerca dos diferentes tipos de tratamentos não convencionais, denominados pela Organização Mundial de Saúde (OMS) como “Medicina Alternativa/Complementar e Medicina Tradicional”. Para alcançar estes objetivos, apresentam-se as diferenças existentes entre conceitos relativos ao tema abordado (Medicina Tradicional, Medicina Alternativa/Complementar e Práticas Integrativas e Complementares); a seguir, discute-se mais sobre características da Biomedicina e das Práticas Integrativas e Complementares e por último o perfil do profissional graduado em Naturologia.

## **2 AS DIFERENÇAS CONCEITUAIS**

Em primeiro lugar, é importante esclarecer que existem diferentes sistemas médicos. A Medicina Ocidental Contemporânea, Biomedicina ou Medicina Alopática são as práticas terapêuticas mais difundidas na sociedade brasileira. Outras racionalidades

médicas existentes possuem cada qual uma visão de homem específica (que incluem anatomia e fisiologia humana, e princípios explicativos das teorias dos processos de saúde-doença, sistema de diagnóstico e tratamento). Nesse exemplo, pode-se dizer que, para além da Medicina Ocidental Contemporânea, existem outros sistemas médicos complexos, como as Medicinas Tradicionais Chinesa e a Ayurvédica. (LUZ, 1995).

### **3 MEDICINAS TRADICIONAIS E MEDICINA ALTERNATIVA/COMPLEMENTAR**

Para a Organização Mundial de Saúde, o termo Medicina Tradicional é a designação para um sistema médico complexo, coerente entre si e advindo de uma tradição/cultura de um determinado povo. (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2002).

A Medicina Tradicional Chinesa é considerada uma das medicinas mais antigas do Oriente. Fundamenta-se em um arcabouço teórico que compreende a inter-relação do homem com o ambiente, compreendendo-o nas teorias dos cinco elementos da natureza (madeira, fogo, terra, metal e água) e das energias yin e yang. Exercícios físicos, dietoterapia, massagem, fitoterapia, reflexoterapia, *Tai Chi Chuan* são alguns dos tratamentos utilizados para a ampliação, manutenção e recuperação da saúde, mas é a Acupuntura o tratamento mais conhecido no Ocidente como parte desta medicina tradicional. (LUZ, 1993).

A medicina tradicional indiana, ou Medicina Ayurvédica, considera que o corpo humano, assim como todo o universo, são formados por manifestações de cinco elementos (éter, ar, fogo, água e terra), os quais devem se manifestar em equilíbrio, juntamente com os três *doshas* (Vata, Pita, Kapha). Os tratamentos baseiam-se na alimentação, exercícios físicos e mentais, como o *Yoga*, desintoxicação orgânica, plantas medicinais, massagem com pó de ervas e óleos medicinais, meditação e técnicas de respiração. (MARQUES, 1993).

Entendido o que é Medicina Tradicional, é necessário compreender que o termo Medicina Alternativa/Complementar é usualmente utilizado para descrever todas as práticas médicas que não a medicina alopática e as medicinas tradicionais, como é o exemplo da Homeopatia e da Medicina Antroposófica. Ressalta-se que o termo “alternativo” não é considerado como o termo mais correto para designar tais práticas, uma vez que as mesmas não têm como objetivo substituir nenhum outro sistema ou racionalidade médica. Por outro lado, entende-se que a denominação “complementar” é a mais adequada, uma vez que os modelos de atenção em questão podem ser praticados em conjunto com outros modelos, inclusive com o modelo médico dominante vigente em nossa sociedade. (RODRIGUES, 2008).

Também existem outras práticas terapêuticas complementares que não pertencem ao sistema de tratamento das medicinas tradicionais como a terapia com argila (Geoterapia), terapia com água (Hidroterapia), florais, Iridologia, terapia com as cores (Cromoterapia), com aromas (Aromaterapia), com a arte (Arteterapia) e com os sons e música (musicoterapia). Porém estas terapias possuem os mesmos princípios no que tange a visão de homem e de mundo, visando à expansão, recuperação e manutenção da saúde.

Os sistemas de tratamento citados anteriormente (medicinas tradicionais, medicina complementar e alternativa e outras práticas complementares) são denominados de Práticas Integrativas e Complementares (PICs) pelo Ministério da Saúde no Brasil. (BRASIL, 2006).

Os profissionais que trabalham com as PICs estimulam o indivíduo a encontrar seu bem-estar e equilíbrio, pois compreendem que o corpo tem, assim como a natureza, capacidade intrínseca de procurar o equilíbrio e o bem-estar e conseqüentemente melhorar a qualidade de vida.

Pesquisas mostram que quando as PICs são trabalhadas em conjunto com a Biomedicina obtém-se uma melhora mais significativa e rápida, comparada à utilização de apenas um modelo de saúde. (JONAS; LEVIN, 2001).

#### 4 O MODELO DA BIOMEDICINA

Cabe aqui apontar algumas características da racionalidade médica da Biomedicina, para que seja possível o entendimento das questões que levaram à necessidade de se discutir esse estilo de pensamento mecanicista, reducionista, analítico e generalizante. (CAMARGO JÚNIOR, 1993, 2005; CAPRA, 2002). Nessa racionalidade, em relação à diagnose, percebe-se uma busca exacerbada pela identificação precisa e específica da patologia, sendo esta geralmente encarada como uni-causal e atribuída à micro-organismos patogênicos. Outros fatores como os aspectos emocionais, sociais, mentais, ambientais são minimamente considerados. (CAMARGO JÚNIOR, 1993, 2005). O diagnóstico, que é dependente de alta tecnologia e com custos elevados, passou a ser mais importante que a própria terapêutica, uma vez que é necessária a identificação precisa da patologia para que a conduta terapêutica seja eficaz. A doença é entendida como inimiga do indivíduo doente, e a intervenção é baseada em fármacos e cirurgias com o objetivo de extingui-la. Exemplos clássicos disso são a retirada de órgãos, vísceras e tumores, transplantes de órgãos, a utilização desenfreada de medicamentos como os antibióticos, analgésicos e anti-inflamatórios. (CAMARGO JÚNIOR, 1993, 2005; CAPRA, 2002; LUZ, 1995; SILVA, 2008).

Nesse modelo, o objeto de intervenção é a doença e o objetivo da terapêutica é combater e eliminar patologias, de tal forma que essa racionalidade é também chamada de medicina das doenças. (CAMARGO JÚNIOR, 2005; LUZ, 1995). A saúde, em contrapartida, é entendida como ausência de doenças em uma perspectiva dual, oposicionista e belicosa entre o que é considerado normal e o que é considerado patológico. (CANGUILHEM, 2002; LUZ, 1995).

A compreensão do sintagma saúde-doença estabelecida pelo modelo em questão é limitante na prática, tanto no âmbito individual quanto no coletivo. Quando um indivíduo procura esse modelo apresentando um mal-estar, mas não é diagnosticado nenhuma patologia específica, esse paciente é considerado saudável, com isso, não

necessita de nenhuma intervenção farmacológica ou cirúrgica. (CAMARGO JÚNIOR, 2005; CAPRA, 2002). Em outros casos, é encaminhado ao psiquiatra, profissional que trata de problemas relacionados à mente e à emoção sob a perspectiva do modelo biomédico. Esse especialista, na maioria dos casos, medicaliza o sofrimento com tranquilizantes, hipnotizantes, antidepressivos e outras drogas com atuação no sistema nervoso central. Cabe ressaltar que existe um aumento significativo no número de transtornos mentais classificados no DSM-IV, fato este que banaliza o diagnóstico e fomenta indiretamente o uso irrestrito de medicações diante de situações corriqueiras da vida. (GUARIDO, 2007).

No âmbito coletivo, ocorre a busca sistemática pelo controle e combate de doenças através da vacinação em massa e outros programas de prevenção de doenças e agravos. A ciência que embasa estes estudos é a epidemiologia, que objetiva estudar quantitativamente a distribuição dos fenômenos saúde-doença além de seus fatores condicionantes e determinantes nas coletividades humanas. (ALMEIDA FILHO, 2000; LIMA-COSTA; BARRETO, 2003).

Illich (1975), considerado um dos principais críticos do Modelo Biomédico, afirma que esta racionalidade tem uma prática medicalizante da vida e a identifica de três formas: a intervenção técnica no organismo do paciente; a organização institucional para manter essas intervenções; e, por último, o instrumento biomédico do sistema industrial, que toma como objeto o indivíduo, expropriando o poder de decidir sobre sua saúde. O termo medicalização é entendido como um processo pelo qual comportamentos e condutas socialmente indesejados, bem como os sofrimentos, são codificados a partir de uma nomenclatura médica própria que classifica os indivíduos e normaliza suas vidas. (CAPONI, 2010; GUARIDO, 2007). A medicalização é uma forma de apropriação do modo de vida do indivíduo e acarreta na diminuição da possibilidade de reflexão por parte dos envolvidos. Essa conduta contribui para que o paciente torne-se alienado do seu corpo, tendo sua autonomia reduzida. (AGUIAR, 2004; LUZ, 1995; SILVA, 2008).

Cabe aqui ressaltar que, se por um lado a prática da racionalidade médica da Biomedicina é indispensável e necessária, devido à sua eficácia e efetividade nas doenças agudas, nos traumas, nas emergências e em outras situações da vida do indivíduo, por outro lado pode ser inadequada e até ameaçadora, conforme discutido anteriormente. (LUZ, 1995; TESSER; BARROS, 2008).

Devido a essas características do modelo Biomédico, há um interesse crescente, pela sociedade em geral e profissionais da área da saúde, por outras racionalidades médicas e terapêuticas complementares. (LUZ, 1995, 2005; TESSER; BARROS, 2008).

## **5 PRÁTICAS INTEGRATIVAS E COMPLEMENTARES**

Com o advento denominado de contracultura, iniciado na década de 60 e intensificado nos anos 70 do século XX, notou-se uma crescente busca por métodos terapêuticos de cuidado à saúde denominados de alternativos e/ou complementares à Medicina Ocidental Contemporânea. Tal movimento, de cunho social urbano, que ocorreu tanto nos países desenvolvidos quanto nos países em desenvolvimento fomentou a introdução e o ressurgimento de Medicinas Tradicionais e outras Práticas Complementares de atenção à saúde, contraponto com a crise da saúde e a crise da Biomedicina instaladas no Ocidente. (LUZ, 2005, SOUZA; LUZ, 2009).

No Brasil, Luz, Barros, Tesser e outros autores discutem as implicações, características, potencialidades e limitações dessas Medicinas Alternativas e Complementares (MAC) e Medicinas Tradicionais (MT). No início da década de 90, Luz cunhou o termo “racionalidade médica”, a qual define como um conjunto estruturado e coerente de cinco dimensões interligadas: uma morfologia humana (anatomia), uma dinâmica vital (fisiologia), um sistema de diagnóstico, um sistema terapêutico e uma doutrina médica embasadas em uma cosmologia implícita, explícita ou parcialmente explícita. (TESSER; BARROS, 2008, LUZ, 1995). Esses estudos permitiram distinguir

sistemas médicos complexos (Medicina Tradicional Chinesa - MTC e Ayurvédica - MTA, Homeopatia, Biomedicina) de outras terapias ou métodos de diagnósticos, como a Iridologia, Florais, Cromoterapia, Arteterapia, entre outros.

As racionalidades médicas da MTC e MTA possuem um paradigma bioenergético ou vitalista explícito baseado nas cinco dimensões. Têm como objeto da intervenção o indivíduo e como objetivo restabelecer, manter ou expandir a saúde. (LUZ, 1995; TESSER; LUZ, 2007)

A saúde, nesses modelos, é abordada a partir de uma concepção ampliada em relação ao modelo biomédico, tendo caráter multidimensional, podendo ser compreendida como um estado dinâmico de bem-estar físico, mental, emocional, espiritual, ambiental, social. Em relação à doença, essa é considerada uma ruptura do equilíbrio interno (microuniverso) relacional com o ambiente (macrocosmo) natural e social. (LUZ, D., 1993; LUZ, M., 1995; MARQUES, 1993). O tratamento é baseado na constituição do indivíduo, compreendido em sua integralidade, multidimensionalidade e singularidade e tem como objetivo o restabelecimento da saúde. (LUZ, 1993; RODRIGUES, 2007; RODRIGUES; HELLMANN; SANCHES, 2009).

A valorização dessas práticas é recomendada pela Organização Mundial de Saúde em seu documento Estratégias da OMS sobre Medicina Tradicional 2002-2005, o qual reconhece o valor das MAC/MT e incentiva os países membros a utilizarem, pesquisarem e criarem políticas públicas observando os requisitos de segurança, eficácia, qualidade, uso racional e acesso. Segundo dados da OMS, oitenta por cento da população mundial utiliza recursos terapêuticos complementares em benefício da saúde. (WHO, 2002).

No Brasil, o sistema de saúde vem sofrendo modificações ao longo do tempo, e com o desenvolvimento do SUS, prima-se por um olhar integral sobre o indivíduo e o coletivo de maneira equânime. (HELLMANN, 2009). Um levantamento realizado pelo Ministério da Saúde, em 2004, junto aos estados e municípios, demonstrou a estruturação de algumas dessas práticas em 232 municípios, dentre esses, 19 capitais, num total de 26 estados. A amostra foi considerada satisfatória no cálculo de significância estatística para um diagnóstico nacional. Algumas dessas MAC/MT,

denominadas no Brasil por Práticas Integrativas e Complementares (PICs) foram reconhecidas e aprovadas no Sistema Único de Saúde (SUS), no ano de 2006. (BRASIL, 2006). Em um estudo realizado dois anos após a publicação da política, observou-se um aumento na oferta e ampliação dessas práticas na atenção básica no SUS. (DE SIMONI; BENEVIDES; BARROS, 2008). A implantação das Práticas Integrativas e Complementares do Sistema Único de Saúde - SUS abre-se como um espaço de trabalho para o Naturólogo, que já atua em programas de saúde pública nos municípios de Caçador, São Joaquim, Ermo, Palhoça e Tijucas – SC, Registro e Santos –SP. (HELLMANN, 2009).

## **6 A NATUROLOGIA APLICADA**

A Naturologia é um campo do saber na área da saúde fundamentada em conhecimentos das áreas humanas, biológicas e da saúde. As Práticas Integrativas e Complementares e as Medicinas Tradicionais são os assuntos norteadores. Na grade curricular dos cursos de graduação em Naturologia, encontram-se disciplinas das áreas biológicas, como Citologia, Genética, Botânica, Anatomia Humana, Fisiologia, Neurofisiologia, Farmacologia; de cunho humanístico, como Filosofia, Antropologia, Antroposofia, Sociologia, Bioética e Fundamentos de Psicologia aplicados a Naturologia, além de disciplinas referentes às Medicinas Tradicionais. (HELLMANN, 2009; RODRIGUES, 2007, 2008; SILVA, 2008). Percebe-se que diversas disciplinas que fundamentam a formação acadêmica e a prática profissional do naturólogo estão inseridas no estilo de pensamento da Biomedicina. Outras são fundamentadas nas Medicinas Tradicionais. Vale lembrar que existem diferenças fundamentais entre as concepções de saúde-doença nos dois estilos de pensamento, que podem ser conflitantes: um referente à Medicina Ocidental Contemporânea, em que saúde e doenças são vistas como duas categorias dicotômicas. O outro referente às Medicinas Tradicionais, em que saúde e doença são entendidas como duas manifestações de um

processo energético. (CAMARGO JÚNIOR, 1993; LUZ, D., 1993; LUZ, M., 1995; MARQUES, 1993).

O Naturólogo propõe-se a ter uma visão ampliada do processo saúde-doença, considerando o indivíduo tratado como “interagente”, e não paciente, pois este participa ativamente do processo de cura, através de reflexões sobre o contexto saúde-doença em que se encontra e também de mudanças de hábitos e comportamentos. Esse profissional trabalha com uma perspectiva do cuidado humanizado, da escuta acolhedora, do desenvolvimento do vínculo terapêutico e preconiza a autonomia do sujeito. (RODRIGUES; HELLMANN; SANCHES, 2009).

Sendo assim, a Naturologia valoriza as Medicinas Tradicionais, ao mesmo tempo em que se utiliza de Práticas Integrativas e Complementares que não estão necessariamente vinculadas com racionalidades médicas estabelecidas (como é o caso da Arte-terapia, Musicoterapia, Geoterapia, Florais, Massoterapia, Cromoterapia, Reflexoterapia etc.), mas que apresentam grande proximidade em seus princípios norteadores, a saber: a natureza como força mediadora, a constituição e singularidade do indivíduo e o entendimento energético que permeia a compreensão da anatomia e fisiologia humana. Este entendimento expandido da Naturologia possibilita trabalhar na promoção da saúde individual e coletiva a partir de uma visão integrada que preconiza a multidimensionalidade do ser humano.

O naturólogo atua no âmbito privado e público com atendimentos individuais na saúde do adulto, da criança, do idoso e da gestante. Os locais de atuação deste profissional são diversificados: spas, instâncias hidrominerais, clínicas de estéticas, clínicas multiprofissionais no âmbito privado e unidades básicas de saúde, centro de atenção psicossocial (CAPS), policlínicas e em hospitais no cuidado paliativo e no pré e pós-operatório na área pública. Na Saúde coletiva, este profissional também trabalha com atividades de educação em saúde e vivências relacionadas às PICs visando à promoção da saúde e a integração social.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluindo, a busca pelo tratamento não convencional é crescente e os benefícios das práticas Integrativas e Complementares são cada vez mais reconhecidos no meio científico. O naturólogo trabalha com essas práticas terapêuticas e pode contribuir na melhora da saúde pública brasileira.

A Naturologia aplicada não consiste em uma racionalidade médica específica, porém utiliza dos conhecimentos científicos advindos das ciências biológicas e biomédicas na avaliação da eficácia, segurança e na compreensão dos mecanismos de ação das técnicas. Na terapêutica, resgata as cosmologias diferenciadas das racionalidades das medicinas tradicionais para o cuidado com a vida do interagente e emprega os conhecimentos científicos, tradicionais e populares das Práticas Integrativas e Complementares buscando uma melhora da saúde e qualidade de vida do indivíduo.

## REFERÊNCIAS

AGUIAR, Adriano Amaral de. **A psiquiatria no divã**: entre as ciências da vida e a medicalização da existência. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2004.

ALMEIDA FILHO, Naomar de. O conceito de saúde: ponto-cego da epidemiologia?. **Rev. bras. epidemiol.**, São Paulo, v. 3, n. 1-3, Dez. 2000.

BRASIL. **Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no SUS – PNPIC-SUS** / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica. – Brasília: Ministério da Saúde, 2006.

CAMARGO JÚNIOR, Kenneth Rochel de. A Biomedicina. **Physis**, Rio de Janeiro, 2005 .

\_\_\_\_\_. **Racionalidades médicas**: a medicina ocidental contemporânea. Rio de Janeiro: IMS/Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 1993.

CANGUILHEM, Georges. **O normal e o patológico**. 5. ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

CAPONI, Sandra et al.(Org). **A medicalização da vida**. UNISUL. Palhoça, 2010.

CAPRA, Fritoj. **O ponto de mutação**. 23. ed. São Paulo: Cultrix, 2002.

DE SIMONI, Carmém; BENEVIDES, Iracema; BARROS, Nelson Felice. As Práticas Integrativas e Complementares no SUS: realidade e desafios após dois anos de publicação da PNPIC. **Rev. Bras. Saúde da Família**. Ano IX. Brasília, 2008.

GUARIDO, Renata. A medicalização do sofrimento psíquico: considerações sobre o discurso psiquiátrico e seus efeitos na educação. **Educação e pesquisa**. São Paulo, v 33, n 1, 2007.

HELLMANN, Fernando. **Reflexões sobre os referenciais de análise em bioética no ensino da Naturologia no Brasil à luz da bioética social**. 2009. 177 f. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 2009.

ILLICH, Ivan. **A expropriação da saúde: nêmesis da medicina**. 1 ed. Nova Fronteira. Rio de Janeiro, 1975.

JONAS, W. B.; LEVIN, J. S. **Tratado de medicina complementar e alternativa**. São Paulo: 2001.

LIMA-COSTA, Maria Fernanda; BARRETO, Sandhi Maria. Types of epidemiologic studies: basic concepts and uses in the area of aging. **Epidemiol. Serv. Saúde**, Dez., 2003, vol.12, no.4, p.189-201.

LUZ, Daniel. **Racionalidades médicas: Medicina tradicional Chinesa**. UERJ/IMS, Rio de Janeiro, 1993.

LUZ, Madel Terezinha. Racionalidades médicas e terapêuticas alternativas. **Cadernos de Sociologia**, Porto Alegre, V.7, p. 109-128, 1995.

\_\_\_\_\_. Cultura contemporânea e medicinas alternativas: Novos paradigmas em saúde no fim do século XX. **Physis: Rev. Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 15, suplemento, p. 145-176, 2005.

MARQUES Evair. **Racionalidades médicas: medicina ayurvédica**. Rio de Janeiro: IMS/Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 1993.

RODRIGUES, Daniel Maurício de Oliveira. O Naturólogo: as Práticas Integrativas e Complementares e a qualidade de vida. In: MARTINS, R. M.; HAGEN, S. I. (Org.). **Ame suas rugas: aproveite o momento**. Blumenau, SC: Odorizi, 2007.

\_\_\_\_\_. Naturologia: Promoção de Saúde e Qualidade de Vida. In: HELLMANN, F.; WEDEKIN, L M. (ORGS). **O Livro das Interagências: Estudos de Caso em Naturologia**. Tubarão, SC: Editora UNISUL, 2008.

RODRIGUES, Daniel Maurício de Oliveira; HELLMANN, Fernando; SANCHES, Nathália Martins Pereira. Apresentação. In: II CONGRESSO BRASILEIRO DE NATUROLOGIA. DARÉ, Patrícia Kozuchoviski et al. Florianópolis. **Anais ...** Palhoça: Ed. Unisul, 2009. ISSN 2176-4662.

SILVA, Adriana Elias Magno. **Naturologia: prática médica, saberes e complexidade**. In: V JORNADAS DE INVESTIGACION EM ANTROPOLOGÍA SOCIAL, Buenos Aires. **Anais ...** Buenos Aires. 2008. ISSN 1850-1834.

SOUZA, Eduardo F. Alexander Amaral de; LUZ, Madel Therezinha. Bases socioculturais das práticas terapêuticas alternativas. **Hist. cienc. saude-Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, June, 2009.

TESSER, Charles Dalcanale; LUZ, Madel Therezinha. Racionalidades médicas e integralidade. **Revista de Saúde Pública**. São Paulo, v.42, n 5, 2007.

TESSER, Charles Dalcanale; BARROS, Nelson Felice. **Medicalização social e Medicina alternativa e complementar: pluralização terapêutica do sistema único de saúde**. Revista de Saúde Pública. 42 (5): 914-920, Out. 2008.

WHO (World Health Organization). **Estrategia de la OMS sobre medicina tradicional**. 2002-2005. Geneva: WHO. 2002.